



Viagem ao país dos Ribeirinhos, ENTRE O RIO AMAZONAS E A FLORESTA AMAZÔNICA

MISSÃO NO BRASIL
ABRIL DE 2023



Após dois adiamentos, a missão da IAGF ao Brasil pôde, enfim, ser realizada em abril de 2023.

Durante seis dias, a secretária-geral **Clémence Aubert** e a diretora **Sophie Gardette**, acompanhadas por **Julien Denormandie** – ex-ministro da Agricultura e Alimentação do governo francês –, foram a Brasília, Santarém (às margens do rio Tapajós[LC1]) e Belém.

O objetivo: **entender o contexto brasileiro (com ênfase em rios e agricultura), identificar atores que atuam em campo, analisar melhor os conflitos de uso em torno dos rios, dialogar com atores de políticas públicas e estabelecer parcerias.**

Foi uma jornada intensa, rica em emoções e encontros com organizações, instituições e associações que lutam diariamente para preservar suas terras e rios.

Descobrimos Brasília para entender melhor o contexto geral brasileiro

A viagem da equipe da IAGF começou na capital do Brasil, Brasília, que tem mais de três milhões de habitantes. Foi uma oportunidade para a equipe compreender melhor o **contexto político e socioeconômico do país**, em especial, no plano agrícola e ambiental, **com o apoio da Embaixada da França.**

O encontro com **Fabrice Papa, do Instituto de Pesquisa para o Desenvolvimento, e Stéphanie Nasuti, pesquisadora da Universidade de Brasília**, permitiu que a equipe entendesse a extensão progressiva da agricultura em terras brasileiras, em particular, no Cerrado (“savana” que representa 22% da área do país) e na floresta amazônica.

Essa primeira etapa também possibilitou um encontro entre a delegação da IAGF e **Naziano Filizola, da Universidade Federal do Amazonas**, e as equipes da **Organização do Tratado de Cooperação Amazônica**, incluindo seu Diretor-Executivo, **Carlos Alfredo Lazary Teixeira**. O projeto **Rios On Line** (ao qual dedicamos um artigo em nosso boletim informativo de junho), conduzido por Naziano e pelo Observatório Regional da Amazônia (ORA), criado pela OTCA, trabalha com métodos diversos, mas complementares a um mesmo objetivo: **observar o rio Amazonas e coletar informações a seu respeito.**

O Rios On Line conta com a **participação colaborativa dos ribeirinhos**, enquanto o ORA possui recursos tecnológicos como satélites e estações de medição hidrográfica ao longo do rio.

EM FOCO...



A **Organização do Tratado de Cooperação Amazônica (OTCA)** reúne oito estados sul-americanos que compartilham a floresta amazônica. A saber, Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, República Cooperativa da Guiana, Peru, Suriname e Venezuela. Ela decorre do Tratado de Cooperação Amazônica, assinado entre os oito estados em 3 de julho de 1978, com o objetivo de preservar a floresta amazônica e gerenciar seus recursos de forma sustentável. A OTCA foi criada em 1995 para implementar os objetivos do Tratado e ter uma visão comum sobre o manejo sustentável da Amazônia



O Instituto de Pesquisa para o Desenvolvimento (IRD), com sede em Marselha, atua sob a tutela conjunta dos ministérios da Pesquisa e da Cooperação. Criada em 1943, essa instituição pública participa de pesquisas científicas e técnicas, com base em acordos firmados entre a França e países em desenvolvimento. Seus programas de pesquisa buscam apoiar o desenvolvimento dos países do Sul, concentrando-se nas ciências humanas, sociais, da saúde, da natureza e do meio ambiente.

O IRD tem uma presença significativa no Brasil e colabora com muitas universidades locais.



Viagem ao país dos Ribeirinhos, ENTRE O RIO AMAZONAS E A FLORESTA AMAZÔNICA

MISSÃO NO BRASIL
ABRIL DE 2023

A Usina de Belo Monte, crônica de uma morte programada dos povos do Xingu ?

A bacia hidrográfica do Xingu, um afluente do Amazonas, cobre mais de 500.000 km² (quase o equivalente à superfície da França). A IAGF conheceu a comunidade do Xingu, muito impactada nos últimos anos pela construção da Usina de Belo Monte, assim como a associação WWF Brasil. Gradualmente, os ribeirinhos têm visto o rio Xingu secar e os peixes desaparecerem; desde a implantação dessa infraestrutura, é a sobrevivência de muitas comunidades indígenas, bem como do rio e da floresta, que está em jogo. Desviada para atender às necessidades de atividades industriais e agrícolas intensivas, a água do rio, de fato, já está escassa para a biodiversidade. O impacto dessas atividades econômicas na região também ocorre em termos de poluição (garimpo, resíduos de atividades de mineração, defensivos agrícolas, etc.) e ameaça à manutenção das populações locais, cuja cultura e economia dependem do rio.

Os ribeirinhos criaram uma rede de monitoramento independente para documentar as ameaças ao seu rio e propor soluções alternativas para administrar melhor os desvios de água, garantir a continuidade dos peixes e revisar o fluxo a jusante, mas não se sentem ouvidos. Essa proposta, intitulada Hidrograma Piracema, pode ser encontrada em www.xingumais.org.br

“ Devemos proteger nosso corredor ecológico, nosso território, nossas casas, nossas tradições, nossas raízes, a biodiversidade, da fonte até a foz. Devemos construir uma aliança entre os povos para salvar nosso rio e nossas comunidades.

Essa mensagem precisa ser levada em nível nacional e internacional para acabar com esse cenário ”

apocalíptico

reclama uma das ribeirinhas do Xingu.

Para aprofundar

Poucos dias depois, em Belém, a IAGF conversou sobre o mesmo tema com o **Movimento dos Atingidos por Barragens**, uma associação nacional de ativistas que promove a seguinte mensagem: água e energia não são mercadorias, e sim, patrimônio do povo. O movimento defende o direito à informação e à transparência para novos empreendimentos, além de estudos de impacto e soluções alternativas. Para eles, “todo empreendimento precisa levar em conta o impacto geral na biodiversidade e nas comunidades, com uma visão mais protetora da noção de “pessoa atingida”, que não pode se limitar aos proprietários expropriados. É necessário que o território, como um todo, possa se beneficiar com a renda gerada pela atividade econômica relacionada às barragens (indústria, agricultura de exportação), que só beneficia poucos industriais em detrimento das comunidades locais”.



Image de synthèse du barrage de Belo Monte finalisé – source : rampedre.net



Intercâmbios com comunidades da bacia do Xingu e WWF Brasil, com equipes da Embaixada da França em Brasília

Nossa visão



Os testemunhos da comunidade do Xingu foram muito pungentes. As populações locais não se sentem informadas e muito menos consultadas. Em sua opinião, há uma falta de consulta e transparência e, acima de tudo, não é levado em conta o impacto geral da barragem na vida das comunidades e na biodiversidade. Entendem também que é necessário incentivar uma repartição mais justa da renda gerada pela atividade econômica do território.



Com o movimento de pessoas afetadas pelas barragens, Belém





Viagem ao país dos Ribeirinhos, ENTRE O RIO AMAZONAS E A FLORESTA AMAZÔNICA

MISSÃO NO BRASIL
ABRIL DE 2023



A luta por terras agrícolas e territórios pesqueiros: se organizar para existir

Em Brasília, a equipe da IAGF conheceu a luta do **Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra**, criado na década de 1980 e cujo lema é “Ocupar, Resistir, Produzir”. Tornou-se um dos movimentos sociais mais importantes da América Latina. Essa organização camponesa luta por uma redistribuição justa das terras por meio da reforma agrária, mas também pelo desenvolvimento de uma agricultura camponesa e familiar que possa garantir a segurança alimentar do país.

Em Santarém, foi a **FEAGLE** que mais nos impressionou, uma associação que reúne agricultores da região de Curuai que praticam a agroecologia. Eles lutam contra a grilagem de terras pelo agronegócio, a mineração, a extração ilegal de madeira e o cultivo extensivo da soja. Um combate que lhes custa caro, pois se sentem constantemente ameaçados.



O encontro com a colônia **Z20**, que foi reestruturada na década de 1990 para permitir que os pescadores obtivessem autonomia em relação aos militares e à indústria, também nos permitiu compreender melhor as questões envolvidas nos movimentos coletivos ascendentes, isto é, que reivindicam soluções que partam principalmente das preocupações dos atores em campo.

EM FOCO: A Guerra do Pirarucu



Pescador de Santarém e seu Pirarucu : folhadoprogresso.com.br



O restante da viagem permitiu que a equipe se conscientizasse sobre as questões relacionadas à pesca em Santarém, às margens dos rios Tapajós e Amazonas[LC1]. Uma reunião com a **ONG SAPOPEMA**, que conscientiza os pescadores sobre a necessidade de práticas mais sustentáveis e adota medidas para documentar melhor o estado dos rios, proporcionou uma melhor compreensão das atuais ameaças aos peixes do rio Amazonas (poluição, pesca excessiva, garimpo, turbidez ligada às atividades de mineração e portuárias, etc.). De barco, a equipe foi ao encontro de pescadores de pirarucu, um dos maiores peixes de água doce do planeta. Embora o Estado tenha estabelecido acordos de pesca, não consegue controlá-los. Por isso, os pescadores se mobilizaram para impedir capturas não autorizadas em seu território, organizando rondas noturnas armadas para protegê-lo contra a pesca ilegal. Eles gostariam de receber mais apoio do Estado para garantir que as regulamentações sejam respeitadas, assim como políticas públicas efetivas para assegurar às comunidades pesqueiras acesso à água e à eletricidade, além da coleta de lixo e da despoluição do rio.



Nossa visão



Ficamos particularmente surpresos com a noção de “bem comum”: na Europa, ela costuma ser considerada como uma alavanca para proteger nossos recursos e impedir que poucos os monopolizem; no Brasil, a noção parece ser, em última análise, um obstáculo à proteção do recurso: como ele não pertence a ninguém, ninguém se sente responsável por sua proteção e todos se sentem no direito de explorá-lo!



Viagem ao país dos Ribeirinhos, ENTRE O RIO AMAZONAS E A FLORESTA AMAZÔNICA

MISSÃO NO BRASIL
ABRIL DE 2023

Belém: uma ambição verde muito acentuada

IA IAGF teve um encontro com o **prefeito de Belém, Edmilson Rodrigues**, para dialogar no Instituto Francês. Foi uma oportunidade de entender a ambição do prefeito, que busca desenvolver uma política mais verde, incluindo esforços de reflorestamento, uma maior harmonia entre cidade e rio e transportes ecológicos. Uma estratégia totalmente nova está sendo desenvolvida para atingir esse objetivo, incluindo um plano de transição e sustentabilidade.

O **Governo Estadual do Estado do Pará**, que recebeu as equipes da IAGF no Palácio do Governador, também está muito empenhado em proteger os rios de seu território e mitigar as ameaças que enfrentam. Foi lançado um fundo inédito, que permitirá gerir melhor a saúde dos rios e implementar ações concretas junto às populações, por meio de soluções baseadas na natureza. Continuam as deliberações sobre a governança a ser adotada para orientar tais ações e sobre pagamentos por serviços ambientais, que poderiam ser usados para financiar parte delas.



Belém também poderia se tornar, em breve, o primeiro signatário internacional da Carta "Rios sem Plástico", que a IAGF promove com a Companhia Nacional do Ródano e a Fundação Tara Ocean.

Um trabalho conjunto será realizado até a COP30, que deve marcar um divisor de águas para o IAGF em sua mobilização pela Amazônia, sobretudo graças à organização de uma conferência internacional.

Perspectivas

Para muitos dos atores encontrados, a volta de Lula ao poder é vista como uma esperança de conciliar melhor desenvolvimento econômico e preservação dos recursos, embora as alianças necessárias para sua reeleição sinalizem uma série de obstáculos. A COP30, a ser realizada em Belém em 2025, certamente dará impulso a certas ambições.

Fica uma nota positiva ao término da viagem, que várias vezes revelou, para além da impotência de muitas populações frente às mudanças que afetam seus territórios, a ambição de todos os atores encontrados de iniciar uma nova virada para o Brasil, permitindo uma melhor convivência entre desenvolvimento socioeconômico e proteção ambiental, para todos.

Nos próximos meses, a IAGF se empenhará em apoiar os atores que estão agindo para mudar o rumo dos acontecimentos e promover uma gestão sustentável dos rios. Foram feitos contatos, parcerias serão formadas, eventos serão organizados.

Obrigado a todas as pessoas que encontramos, que nos ajudaram a descobrir os desafios e projetos em andamento no Brasil.

Santarém: Desenvolvimento e Proteção?

Las discussões com o prefeito de Santarém e suas equipes revelaram toda a complexidade da questão: além das necessidades em campo, há todo um contexto político e orçamentário que torna complexo o desenvolvimento ambiental e socioeconômico desses territórios: despoluir o rio e coletar lixo também geram contribuições financeiras para a população local, que nem sempre tem meios de arcar... A articulação entre políticas públicas municipais, estaduais e federais também precisa ser levada em consideração.

"Não queremos mais os erros do passado, com lucros em detrimento de rios e florestas. Queremos desenvolver atividades com impacto socio-eco-ambiental positivo, em condições sustentáveis. Sem deixar de garantir desenvolvimento para a população, com acesso a água potável e esgotamento sanitário. O apoio de empresas privadas e ONGs será essencial para termos sucesso nessa aposta coletiva." Nélio Aguiar, Prefeito de Santarém



Como desenvolver e apoiar cadeias mais sustentáveis? Como criar novas cadeias de valor para permitir que os jovens se projetem de forma mais sustentável em seu território (apesar das condições difíceis)? Como envolver as comunidades no monitoramento do estado dos recursos para permitir que identifiquem soluções acessíveis para elas e para os territórios, a partir de suas realidades? Como desenvolver a agroecologia e o ecoturismo, garantindo uma renda sustentável para as comunidades?

Todas essas questões estão sobre a mesa e precisarão ser enfrentadas por políticas públicas futuras, recomenda a associação IPAM, que o IAGF também encontrou durante sua estadia em Santarém.

Floresta Amazônica: monitorar para dissuadir



EM FOCO :

A missão terminou com uma visita ao **Centro Regional da Amazônia, na companhia de Claudio Almeida, pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE)**, para entender melhor as questões relacionadas ao desmatamento no Brasil.

O sistema de monitoramento por satélite, complementado pelas verificações dos técnicos, permite ao **IBAMA** controlar atividades suspeitas e punir práticas não autorizadas, evitando assim que o desmatamento se generalize.

No entanto, esse acompanhamento não é suficientemente dissuasivo: 20% da floresta amazônica já está desmatada, assim como 50% do território do Cerrado.

Mas ainda há esperança: a desaceleração gradual do desmatamento observada nos últimos meses e a meta de desmatamento zero estabelecida por Lula até 2030.